

# RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMENARIO REPUBLICANO

N.º 44 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 11 de Fevereiro de 1925

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34  
MINERVA RIBEIRO. — Guimarães

## O GOVERNO E OS "ECONÓMICOS,"

Grande celeuma se vem levantando pela atitude enérgica do Governo, os carrilhões tocam a rebate e a imprensa de frête vomita, em normando, as mais abjectas e repugnantes reflexões.

Afirma-se que o Governo pretende cair de pé diante da multidão para de novo se voltar á luta envolta numa aura fictícia, conquistada á força de acirrar classes contra classes;

Escreve-se que a terrível crise económica não se pode solucionar com medidas viotas, demais agravadas pela sua inconstitucionalidade;

Protesta-se contra a dissolução da Associação Commercial de Lisboa e garante-se a legalidade dos seus actos, encobertos os excessos condenáveis da resistencia ao poder;

Reclama-se o auxilio de opiniões ruidosas, ávidas de réclames e também de alguma concorrência, e silogizam-se hipóteses balófas que, não exprimindo ideias concretas, traduzem o receio da diminuição de rendimentos;

Gemem os potentados os seus estribilhos de indignação *patriótica*, procurando manter a ordem de contraposição ao movimento dos organismos operários, idealizando desfechos de terríveis consequências para tudo isto e aconselhando os *carpideiras*, seus colegas em menor escala, a irem para a luta para salvaguarda dos seus haveres;

Invectiva-se e insulta-se, multiplicam-se as dificuldades para a boa marcha da Republica, deturpa-se a verdade e a opposição é um facto;

Lembra-se estupidamente o gesto de João Franco, comparando a rebeldia de hoje á de então (!) e justifica-se que, assim, o gabinete do sr. José Domingos dos Santos tripudiou a Constituição e amarfanhou a Liberdade.

Porquê?!

Porque previu os fins da Liga dos Interesses Económicos e não se deixou ir no embulho das suas promessas?!

Porque legislou para o país, acabando com as expoliações e obrigando a alta finança a pagar ao Estado aquilo que de direito?!

Porque termina com os monopólios que tantos prejuízos acarretavam e impõe a liberdade de comércio?!

Porque procura estabelecer a equidade no que diz respeito ao barateamento do custo da vida e esfrangalha de uma vez para sempre os usurpadores do ouro?!

Porque soube encarar de frente os variados problemas que quasi nos asfixiavam?!

Onde a coerência?!

E no final de contas as violencias partem todas dos governos da Republica, as desordens internas e os desmandos também á Republica se devem, as incursões e as campanhas de descrédito são feitas por republicanos!

*Siul.*

## Cartas

«A nossa janela não mais foi aberta, o fogo apagou-se na cinza do lur, as pombas são tristes, a casa é deserta...»

Soares de Passos.

Meu amor:

E' a ultima carta que te escrevo—esta carta pequena e simples onde vai toda a minha alma simples e pequenina... Não serei cruel; não venho trçar-te, amalçoar-te, dizer-te o que tem sido o infortunio destes ultimos meses. Tu eras rica e bela; á tua volta, como os corvos ao redor dum

cadaver ainda quente, tinhas a cõrte numerosa de inumeros pretendentes. Um dia, eu, o filho dum humilde jornalista, o homem sem futuro e sem carreira, tive a audacia de levantar os olhos para o teu pedestal glorioso; — eu, o pária sem familia, o deserdado da sorte, não tive receio de te contar toda a minha amargurada existencia, de te ábrir a minha alma, ofertando-te o meu triste coração. Tu, a filha do «sr. Conde», fingiste amar-me, iludiste a paixão que eu alimentei numa persistencia tão louca como inutil... e um dia—não te orgulhes, não rias...—foste minha. Eu vi na tua beleza a mulher ideal que há muito procurava; fui feliz du-

## ENTREVISTA

COM O

### EX.<sup>MO</sup> PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA

#### A obra da actual vereação

Acêrca da administração da Camara Municipal de Guimarães feita pela actual vereação, chegavam-nos as mais desconhecidas informações: Enquanto alguns centros de cavaco classificavam essa administração de simples assinatura de expediente e tachavam de puro bluff a iniciação das obras de alargamento da cidade, pessoas amigas nos informavam que essa administração tem sido inteligente e honesta.

Impunha-se á «A Razão» a obrigação de informar bem, e com verdade, a todos os republicanos de Guimarães a maneira como tem desempenhado o seu papel a actual vereação, que é, como todos sabem, constituida na sua grande maioria por republicanos.

Com este fim nos dirigimos a casa do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, illustre deputado pelo nosso circulo e Presidente da Comissão Executiva da nossa Camara, que amavelmente nos recebeu e aquiesceu a ser entrevistado.

Começou a entrevista:

—A vereação a que tenho muito honra em presidir tem-se esforçado o mais possível em ser util ao concelho. Nenhum outro objectivo a levou ás cadeiras do municipio, nem outra intenção nos anima que não seja a de deixarmos alguma coisa de concreto, de visível, que, quando para mais não sirva, possa estimular aqueles que tenham de nos suceder.

#### Construção e alargamento de caminhos rurais

—Todavia já temos ouvido ou lido que não tem a Camara feito mais do que serviços de expediente.

—Mas nada há menos verdadeiro. E a prova é fácil. Veja, por exemplo:

Em reparações e alargamento de caminhos rurais já gastou

rante algum tempo. Depois aborreceste-me, odiaste-me. Hoje que casaste com esse velho barão, amigo intimo de teu pai, deves recordar-te do amor humilde que eu tive a ilusão de te dar—quando me roubaste o coração e alma. Só tiveste um amor — um amor verdadeiro: o meu amor por ti. Mas esse amor morreu...

Jorge RAMOS.

esta vereação cêrca de 120 contos. Com a conclusã da estrada da Penha gastaram-se perto de 85 contos. Isto não é, com certeza, simples expediente. Mero expediente seria continuar a deixar-se morrer de fome os cantoneiros, mas nem isso mesmo succede, porque tendo-os nós encontrado a ganhar uma verdadeira miséria, lhes estamos a dar hoje seis escudos diários. Note, porém, que nos duas verbas que citei não entra a despesa com os cantoneiros. Essas verbas gastaram-se com grandes reparações e melhoramentos, distribuidos pela área do concelho, que é enorme, e de que tanto necessitava e necessita a população da aldeia, que tantas vezes não pode levar um médico a casa por lá não poder chegar um carro.

—Não será um luxo a verba avultada que se dispendeu com a estrada da Penha?

—Só quem não puder sentir as belezas da nossa Penha e não souber o valor que hoje representa a industria do turismo, só quem não pensar no quanto Guimarães lucrará com um meio facil de condução para aquela montanha, poderá julgar superflua aquela despesa que se fez com a conclusã da estrada, que é uma maravilha de beleza em todo o seu percurso. Orgulho-me de ter presidido á vereação que a iniciou, que a cortou até lá acima. Orgulho-me, igualmente, de ter tido a sorte de presidir á vereação que a concluiu, e que a salvou da perda total e absoluta, a que o abandono das vereações, que antecederam a actual, a tinha fatalmente condenado.

#### O problema das águas

—Mas não terá sido só com melhoramentos em caminhos rurais e com a conclusã da estrada da Penha que a Camara terá mostrado dedicar-se a mais alguma coisa do que simples expediente?

—Sem duvida. O que a vereação tem feito no sentido de conseguir resolver um dos mais graves e ingentes problemas desta cidade, o seu abastecimento de águas, representa um grande esforço, que passa muito além dos limites do simples expediente. Expediente seria deixar correr a água que tinhamos e ter o cuidado de fechar os marcos fontenários no verão. Mas nós temos feito bem mais: e sem que tivéssemos de recorrer a águas estranhas á da Penha, estou convencido de que já este ano não se fará sentir a falta de água. Tenho pelo menos a certeza de que, se alguma anda faltar, a Camara tendo co-

mo tem ao seu dispôr um enorme manancial de que só vamos agora aproveitar a água que afflora na superficie do terreno, facil e rapidamente consegue, com uma pequena exploração desse manancial, toda a água de que, porventura, ainda necessite.

Tem-se gasto muito dinheiro, já mais de 180 contos, mas também se tem dispendido muito esforço e trabalho com tenacidade, grande vontade de chegar ao fim, que julgo atingido. Isto não é simples expediente.

#### Abastecimento d'águas em Vizela e Taipas

—E quanto ao abastecimento de água de Vizela e Taipas?

—Também a Camara não tem descurado esse assunto. Em Vizela já se gastaram cêrca de 24 contos, sendo certo que esta localidade já pouco terá de se queixar relativamente á sua água.

Nas Taipas, gastamos já mais de 40 contos e temos em plena execução um projecto de abastecimento, que fica por 200 contos, mas satisfará por completo as aspirações daquela povoação.

#### A nova cadeia e alargamento do cemitério

—Propriamente na cidade é que, parece, a acção da Camara menos se tem feito sentir...

—Entendo que nem a cidade se deve queixar de nós. E' certo que puzemos mais cedo em execução melhoramentos rurais, mas sem nunca deixarmos de pensar na cidade. Fizemos obras no edificio destinado á nova cadeia, quebrando-lhe o encanto em que há 15 anos se encontrava; já lá gastamos cêrca de 35 contos e temos a esperança de que no fim deste ano, com outra tanta despesa, já para lá mudaremos os presos. Temos feito obras de alargamento do cemitério, necessidade que tanto se fazia sentir, em que já temos gasto mais de 12 contos. E já demos inicio ao nosso grandioso projecto de alargamento da cidade, projecto a que vamos agora dedicar todo o nosso maior esforço, todo o nosso entusiasmo.

#### O projecto de alargamento da cidade

—Mas esse projecto em que já temos ouvido falar não será inexecuvel pelo seu elevado preço?

—Com effeito, esta vereação já ali gastou, em obras e compras de terrenos cêrca de 120 contos. Tem de se gastar muito

Continuação da entrevista

dinheiro, mas esse dinheiro existe, esse dinheiro tem-lo e vamos de o ter. A Câmara teve o cuidado de constituir um fundo especial para essa obra, que ficou suficientemente dotado, e que já ninguém amanhã terá a coragem de desviar para qualquer outro fim ou de o fazer desaparecer. Esse fundo poderá servir amanhã para base de um grande empréstimo, com que se dê um enorme incremento às obras; mas enquanto não chegar a boa oportunidade económica para a realização desse empréstimo, ele é suficiente para que as obras caminhem regularmente até final conclusão.

—Mas afinal em que consiste esse grandioso projecto?

—Não lho posso dizer, por menorisadamente, numa simples entrevista. Dentro de duas ou três semanas, a Câmara fará a exposição dele num folheto, com gravuras, para que o povo de Guimarães saiba com precisão no que se está gastando uma parte do seu dinheiro. Estou convencido de que a realização de se projecto entusiasmará todos os habitantes, de boa fé e sinceros, desta cidade. Por agora apenas lhe direi que vamos construir uma grande praça, ao fundo da qual edificaremos o Palácio da cidade. Nele ficarão instaladas a Câmara e todas as repartições públicas. Esse palácio é uma maravilha de concepção do grande architecto Marquês da Silva. Bastaria com certeza essa obra para consagrar este distinctíssimo artista se a sua reputação já não estivesse feita.

A praça será servida por três lindas avenidas de 18 e 20 metros de largura e dela irradiarão outras ruas que virão a constituir a nova cidade, em terrenos dos melhores em condições topográficas e higienicas, para a expansão desta nossa terra. Havemos de fazer o possível para que até ao fim do ano a praça e as ruas que dela irradiam fiquem bem marcadas e o edificio fóra dos seus alicerces.

A questão da muralha

—Mas que me diz V. dos clamores que a execução desse projecto provocou por implicar a destruição da antiga muralha da cidade?

—Fez bem, lembrando-me esse incidente. A execução do nosso projecto não implica a destruição da muralha da cidade. Pelo contrario, respeita-a e dá-lhe realce. Não é destruir a muralha da cidade deitar abaixo trinta metros da sua extremidade, a qual justamente, em toda a sua extensão, ameaçava imminente ruina. Ninguém ignora e

nada se pode ver que esses 30 metros da muralha, tinham os alicerces completamente fóra da terra, estavam desaprumadíssimos, com pedras já rachadas por ter o terreno cedido ou por ter havido fortes deslocacões.

Mas ainda que essa parte da muralha estivesse perfeita havíamos de pôr de parte o nosso projecto, ou desmanchar-lhe, irremediavelmente, a sua estetica, para respeitar 30 metros de uma muralha que tem 231 metros de extensão?

Então os 230 metros que ficam não chegam para consolar aqueles que só agora despertam para olhar pelas coisas do passado e tem deixado estragar e destruir tanta coisa de bello e de interessante, sem o minimo protesto, como ainda há bem pouco tempo aconteceu com duas janelas dos Paços dos Duques de Bragança?

Eu respeito muito as opiniões dos outros, por mais opostas que sejam ás minhas, quando pelas reconheço sinceridade. Mas desprezo-as, absolutamente, sempre que lhes vislumbro má fé.

A muralha nada perde, só tem a ganhar com a realização da obra projectada. Aprou-se-lhe uma pequena parte que amanhã cairia numa derrocada inevitavel. Mas os 230 metros restantes, que até aqui eram parede de uma estrada, passam a ser a parte lateral, arborizada e arborizada de uma avenida de 18 metros de largura.

Perde a muralha com isso?

Eu sei, eu vejo fundo na consciencia de todos aqueles que até hoje se tem referido ao corte da muralha. As suas intenções, as verdadeiras causas que os impulsionam, os seus verdadeiros fins, desmascaram-se limpidos na minha retina. Dou-lhes o apreço que merecem. Mal de mim se não passasse longe e por alto de tudo isso. Nunca chegaria a fazer coisa alguma de utilidade. Falharia assim á mais querida das minhas aspirações: ser util aos outros.

E por hoje mais nada; isto já vai muito longo e, no entanto, ainda lhe poderia dizer muito mais sobre o que temos feito, sobre o que projectamos fazer.

Estava terminada a entrevista. Retiramo-nos agradecido á amabilidade do nosso entrevistado e absolutamente convencido de que a actual vereação tem feito uma obra de administração que honra Guimarães e a Republica.

Mário.

Impossível!

Os elementos renecionários tentam desfazer a impressão com que todo o mundo ficou áocra de Afonso XIII, depois da leitura das páginas brilhantemente mordazes do último livro do grande Blasco Ibañez, á força de manifestações de simpatia e desagravo a Sua Magestade.

Como se os gritos de uma turba fanatisada por um vergonhoso clericalismo, dirigida por padres de todas as formas e feitios que infelizmente enxameiam o país vizinho, fossem capazes de fazer esquecer ou diminuir o valor das afirmações feitas pelo grande génio que é Blasco Ibañez!

Impossível!

Mariano Felgueiras

ADVOGADO

Rua da Republica, 115

Provisoriamente: Casa do Priorado

O QUE NOS DISSE

JORGE RAMOS

O novel escritor vive ali na Rua da Horta Sêca, á Praça Luis de Camões, num 4.º andar modesto que faz recordar as mansardas das novelas de Escrich.

E' uma casinha simples, de rapaz solteiro, com uma varanda donde se admira a revoadá negra dos passarinhos e onde está um vaso com flores lindas e viçosas que lembram beijos de mulher apaixonada.

Foi lá que nós o encontramos numa destas agradáveis manhãs, a fumar no seu já célebre cachimbo, folheando ao acaso um livro de Ohnet.

Levamos ali a curiosidade de sabermos o que Jorge Ramos pensa das Mulheres e também o desejo duns momentos de conversa com a sua mocidade—com os seus 18 anos românticos e cheios de Fé que constantemente querem passar por materialistas...

—Não creio no que Nietzsche disse; a mulher é para mim a síntese de toda a sentimentalidade. Só ela tem bênção para a nossa dôr, só ela nos pode mostrar a estrada florida da Ventura; o cinismo de Forjaz, o sarcasmo de Shopenhauer nada é ante as lágrimas duma mulher!

—Já pensou algumas crónicas para a sua secção «Mulheres»?

—Sim. Eis alguns titulos: «O suplicio duns cabelos louros», «A mulher que sofre», «A que se pinta», «Tricenas de Coimbra», «A mulher que mata», «A mulher que odeia», «A que ficou solteira», «O Elogio das morenas», «A mulher que não tem história», etc.

Demoró mais a escrevê-los que a concebê-los. Nessa minha humilde secção tenciono apresentar os tipos variados da Mulher — perfis inéditos de tanta mulher que há nesta Lisboa de segredos e de encantos: a costureirinha pobre que sai do Grandela com o seu eterno cabaz; a florista garôta e popular que vagueia pelas ruas da Baixa; a mulher das cauletas que vive a gritar número; a operaria que moureja nas fabricas de Alcantara e mora esquecida nas cavernas do Casal Ventoso...

—Pensa em publicar algum livro?

—Penso. Um livro de versos que tenho quasi concluido...

A entrevista—uns vinte minutos de agradável conversa—estava terminada.

Um apêto de mão e Jorge Ramos lá ficou fumando no seu inseparavel cachimbo, donde se levantam azuis espirais de fumo que depois se desfazem como doces illusões...

Vicente da Fonseca.

Para os nossos pobres

Por intermédio do digno correspondente do Banco Popular Português nesta cidade, sr. José Joaquim Vieira de Castro, recebemos a quantia de 30\$00 para os pobres protegidos do no-so jornal.

Em nome dos contemplados agradecemos.

Ao sr. Delegado do Governo

Os r toneiros continuam a andar desenfreados. Rara é a noite em que as caçadeiras não sejam assaltadas. Nos quintais do centro da cidade tem os melcantes feito ultimamente excelentes colheitas.

E fazem-nas porque tem quasi a certeza absoluta de ficarem impunes.

Ao senhor Gomes Alves, chefe da Secretaria da Camara, assaltaram-lhe, numa das ultimas noites, o quintal e, da caçadeira, levaram-lhe galinhas e alguns objectos que se encontravam numa das lojas do prédio em que habita, á rua de D. João I.

O melcante, que foi conhecido, entrou na Administração do Concelho por uma porta... e saiu pela outra a cantarolar:

«Sempre que nos persiga a autoridade  
«Stamos seguriños, não há novidade...»

—Se há novidade ou não, ignoramos. O que sabemos é que o patife deu entrada na Administração do Concelho e que o sr. Gomes Alves ficou sem os seus ricos galináceos.

Para este caso chamamos a atenção do sr. Dr. Antonio Portas, illustre Delegado do Governo, á fim de que S. Ex.ª tome providencias e averigue como é que fica impune aquele ratoneiro.

Senhor Administrador: o caso é grave e amargos comentários se ouviram a tal respeito.

Até se diz que V. Ex.ª na Administração do Concelho era tam somente uma figura de ornamento, o que não cremos.

Averigue, senhor Administrador do Concelho, averigue... para honra de V. Ex.ª e dignidade de Convento...

Asilo de Santa Estefania

Donativos recebidos durante o mês de Dezembro p. f., ofregcidos pelos Ex.ªs Srs.:

Francisco Fernandes Guimarães, 500; D. Emilia Ferreira Leite, um alqueire de feijão; Officialidade de Infantaria n.º 20, por intermédio da ex.ª Família Martins Fernandes, por alma do saudoso camarada capitão-médico miliciano Dr. Alberto Martins Fernandes, 500; D. Maria de Jesus Paul, para as asiladas assistirem a uma missa por alma de seu pai Manuel Rodrigues da Silva, 500; Dr. Joaquim de Matos Chaves, de Lisboa, 500; D. Adelaide Braamcamp de Melo Breyner (Sobral), 1000; Manuel Pereira Bastos e Esposa D. Carolina de Macedo Bastos, 1.000; Um benfitor, 20 alqueires de milho (donativo de 4000); Um benfeitor, 4000; D. Felicidade Rosa Figueira de Sousa, 500; João Fernandes de Me-

V. Ex.ª precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Louçaria Rezende

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38 — PORTO.

«A Razão»

Semanário Republicano

Ex.ª Sr.

lo, 500; D. Leonor de Oliveira Cardoso, 250; João Garcia d'Almeida Guimarães, 150; Condes de Margaride, um alqueire de feijão e 600 para a consoada do Natal; D. Adelaide Martins da Costa (Aldão), bacalhau, arroz e assucar (donativo de 1000); Luis Cardoso Martins de Menezes (Margaride) e ex.ª Esposa, 1000; D. Maria Gomes dos Santos Portela, para comemorar o 1.º aniversario do falecimento do seu saudoso marido, 500; Dr. Adelino Costa, 500; Alvaro Costa, por alma de sua extremosa filha D. Maria L-malia, 500; Manuel Ribeiro Guimarães, 200; D. Luiza Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride), 500; Manuel Joaquim da Cunha, 500; Francisco Antunes da Cunha e Francisco Maria B. de Almeida, para as asiladas assistirem a uma missa por alma de seu falecido socio capitão Romano, 200; Dr. Artur Ribeiro Rodrigues de Faria, 200; Um anónimo, 100; Candido José de Carvalho, 50; Leovigildo Ribera, para a consoada do Natal, 200; Alfredo Belino, presidente da Junta da freguesia de S. Paio, quota parte das esmolas oferecidas a Santa Lusía, 1500; Um anónimo, 500; D. Maria Henriqueta Leal Sampaio, por alma das pessoas de sua familia, 200; Delegado do Governo neste concelho, do Fundo da Assistencia, 2000; A. A. d'A. Ferreira, 500; Camila, Joana e Rodrigo Teixeira de Menezes da Silva Bastos, por alma de seu extremoso pai Dr. Alvaro Bastos (para o M-alheiro das asiladas), 300; D. Adelaide Teixeira de Menezes, 4 arrobas de figos e 2800 (ordenado de 22 dias de directora interina); esmolas da Caixa, 1550. —Total: 2.808000.

—A todos os benfeitores, a Comissão Administrativa e as asiladas, se confessam reconhecidas.

Agradecimento

O abaixo assinado, distribuidor de «A Razão», vem por este meio, humildemente, tornar publico o seu reconhecimento, confessando-se imensamente grato a todos os Ex.ªs Senhores que dêle se lembraram, subcrevendo uma quete a seu favor a quando do jantar que, pela passagem do 2.º aniversario deste jornal, se realizou em Vizela, em 18 de Janeiro findo.

Guimarães, 9 de Fevereiro de 1925.

José Antonio de Macedo.

VENDEM-SE

Duas motocicletas com side-cars, uma «Indian»—1919 e outra «Excelsior» — 1924. Estado novo.

Vêr na Rua 5 de Outubro, 8—Guimarães.